

#ENEM2015 - QUESTÕES ‘COMENTADAS’: HIPERSEMIOTIZAÇÃO, PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS NA WEB EM TORNO DE IDENTIDADE E GÊNERO*

Jaime de Souza Júnior** - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: Considerando a emergência da chamada “virada discursivo-icônica”, apresento uma breve análise do crescente processo Contemporâneo de “hipersemiotização” (MOITA LOPES, 2010) de uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015. Investigo, do ponto de vista “composicional” (SOUZA JÚNIOR, 2015a) e “multimodal” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000; SOUZA JÚNIOR, 2015c, 2015d), como se dá o processo de ascensão hipersemiótica *online* da referida questão digitalizada, o qual mobiliza redes sociais como o *Twitter.com* e o *Facebook.com*. Em seguida, de uma perspectiva “relacional” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015e), “crítico-discursiva” (FAIRCLOUGH, 2001) e “socioconstrucionista” (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2004), examino a participação dos internautas, através de suas postagens, enquanto agentes sociais. Focalizo as relações e seus papéis surgidos, bem como que visões de mundo os mesmos deixam vir à tona na trajetória *online* de hipersemiotização e re/distribuição da questão-enunciado digitalizada acerca de *gênero enquanto identidade social* (BUTLER, 2010). Por consequência, analiso, brevemente, como o Enem, do *offline* para o *online*, vem sendo midiaticado e construído discursivamente com elementos tanto dos “eventos discursivos” (FAIRCLOUGH, 2001) como dos “eventos digitais” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015c, 2015d).

PALAVRAS-CHAVE: Enem. Redes sociais e Midiatização. Multimodalidade e hipersemiotização. Análise (Crítica) do Discurso. Socioconstrucionismo e identidades sociais.

INTRODUÇÃO

Em outubro de 2015, durante o 2º mandato da primeira mulher a presidir o Brasil, diversas re/configurações sociais e políticas, advindas desse contexto, parecem ter tido impacto na elaboração do Exame Nacional do Ensino Médio (doravante, Enem). Esta avaliação trouxe questões com diversas temáticas que cobravam de seus candidatos maior conhecimento e/ou capacidade de reflexão sobre assuntos como, por exemplo, *violência contra a mulher* (tema da prova de redação do Exame). *Gênero enquanto identidade social* também figurou dentre as referidas temáticas, como o leitor pode ver pela figura 1, abaixo:

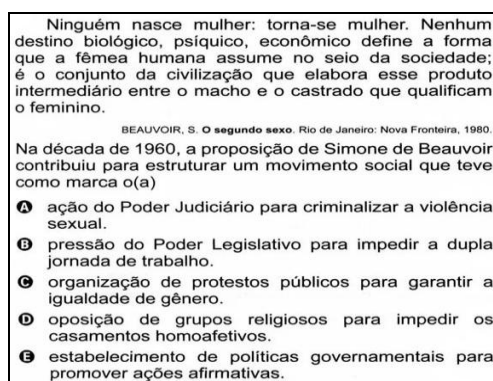


Figura 1: Questão do Enem 2015 que abordou a temática de *gênero*. Fonte: <http://s2.glbimg.com/7VTTTrZyngQK9TAf6kUck5KOvdPU=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2015/10/26/simone-p.jpg>. Acesso em: 05 mar. 2016.

Nas redes sociais como *Facebook.com* e *Twitter.com*, a digitalização e a disponibilização (do *offline* para o *online*) da pergunta ilustrada na figura 1 foram suficientes para que a *Web* local fosse dominada por um complexo contexto e processo de “hipersemiotização” (MOITA LOPES, 2010). Essa dinâmica de repercussão pode ser verificada, conforme mostra a figura 2, a seguir:

*XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

** Doutorando em Linguística Aplicada com Ênfase Interdisciplinar. E-mail: souzajuniorprof@gmail.com

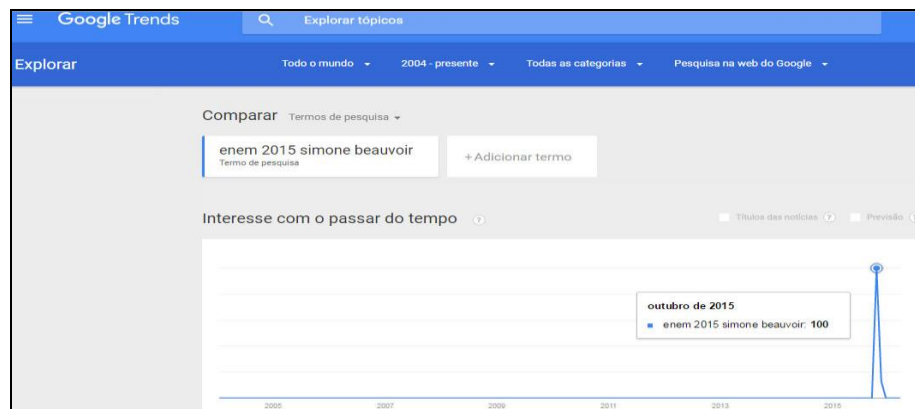


Figura 2: Período e volume de repercussão da questão sobre gênero a partir do Google Trends.com. Fonte: <https://www.google.com.br/trends/explore?q=enem%202015%20simone%20beauvoir>. Acesso em: 05 mar. 2016.

A partir desse espalhamento, surgem, na Rede, menções e abordagens em torno da questão específica apontada e sua temática citada. Adiante, sugiro um roteiro analítico dessas menções e abordagens, com dois focos: o mapeamento da composição e da trajetória *online* da imagem-enunciado digitalizada.

1 WEB E HIPERSEMIOTIZAÇÃO: PRÁTICAS LINGUÍSTICO-MIDIÁTICAS E DISCURSIVAS NA (RE)COMPOSIÇÃO/DISTRIBUIÇÃO ENUNCIATIVA

Neste ponto, convido o leitor a refletir sobre as formas de (re)construção/distribuição de sentido na Contemporaneidade, associadas, em larga escala, com uma “cultura de captura digital das coisas e/ou pessoas” (SOUZA JÚNIOR, 2015c, p. 2), a qual, primeiramente, por meio de “práticas linguístico-midiáticas” (SOUZA JÚNIOR, 2015a), permite a materialização de textos (de diferentes semioses) que nos possibilitam observar práticas discursivas e sociais.

Baseados em sobreposição de semioses, os processos de re/produção de sentido Contemporâneos vêm sendo direcionados pela hipersemiotização. A partir das figuras 3 e 4, a seguir, abordo o referido processo complexo de hipersemiotização *online* como contexto e objeto de estudo, e, mais especificamente, a transferência da pergunta segmentada do caderno de questões do Enem para uma postagem no *Twitter.com*, empreendendo uma breve análise “composicional” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015b) e “multimodal” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000; SOUZA JÚNIOR, 2015c) desse processo de ascensão hipersemiótica.

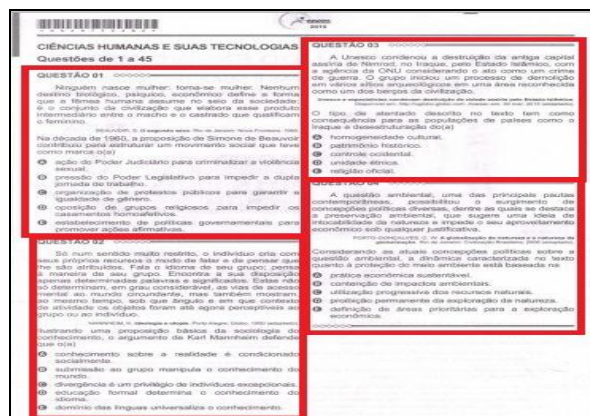


Figura 3: Digitalização do caderno de questões do Enem 2015, enquanto resultado de sobreposição de semioses. Fonte: <https://www.infoenem.com.br/wp-content/uploads/2015/10/branco-200dpi.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2016.

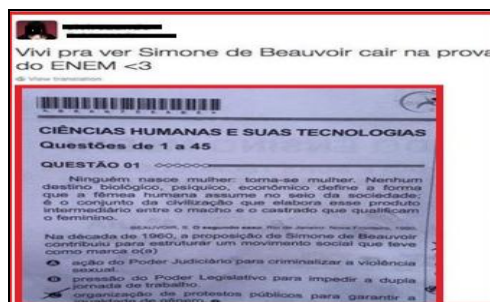


Figura 4: Segmentação e transferência da questão digitalizada para o corpo de uma postagem multimodal online.
 Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-mQQ3EMPr1U/Vi6Q8cUY2eI/AAAAAABq8I/OM183fdQGL0/s1600/feminismo%2Bsimone%2Bde%2Bbeauvoir%2Bno%2Benem.png>. Acesso em: 05 mar. 2016.

Pelas figuras 3 e 4, o leitor vê que a digitalização do caderno de questões deriva sobreposição de semioses em sua dimensão composicional. Essa digitalização resulta no processo de hipersemiotização de uma questão do Enem.

Na figura 3, antes da digitalização (no *offline*), as questões e sua disposição em quatro quadrados podiam ser vistas como fragmentos textuais majoritariamente verbais alocados dentro do *gênero discursivo prova*. Com sua digitalização (no *online*), enquanto resultado de prática linguístico-midiática, as questões e, principalmente, sua diagramação/disposição de traçados formam uma *imagem textual* que é re/combinada com enunciados. Do ponto de vista da “multimodalidade” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2000; SOUZA JÚNIOR, 2015c, p.10-12; 2015d), na referida imagem textual, cada questão pode ser entendida como sendo um *atributo possessivo* em relação ao caderno de questões do Enem. A diagramação e a disposição das questões formam uma representação textual de natureza *Conceitual Analítica*. Isto é, indicam que as questões são (*partes*) *pertencentes* ao Enem (*o todo*).

Já na figura 4, os processos de digitalização e segmentação da questão focada, baseados em práticas linguístico-midiáticas, avançam para um processo de hipersemiotização da pergunta, quando são redimensionados para dentro de um *post* no *Twitter.com*, dando origem a práticas discursivas, responsáveis pela (re)construção/distribuição de sentidos nessa nova imagem, a qual aparece atrelada a novas *formas de representação multimodais* (símbolo do coração “<3”, denotando avaliação positiva da questão) e enunciados associados, reveladores de percursos sociais e identidades/subjetividades (“Vivi pra ver Simone de Beauvoir cair no Enem”). Ainda com base na referida perspectiva de “multimodalidade”, entendo que, no contexto de camadas de semioses e práticas sobrepostas do *post* no qual figurava, a imagem hipersemiotizada continuou localizada dentro de uma dimensão de representação *Conceitual Analítica*, porém, passou a ser compreendida como um *atributo simbólico*. Assim sendo, o perfil da figura 4, ao selecionar e associar-se à questão que fora concebida pelos organizadores do Exame, apropria-se dessa pergunta e a redistribui, através de um processo digital de “dialogia” (BAKHTIN, 1997), possibilitando que a questão mencionada e seu contexto de postagem, ao serem visualizados na *Web*, *confirmam ou suscitam identidades e/ou visões de mundo a quem administra o referido perfil*. Práticas discursivas pautadas na “recontextualização” e na “ressignificação” (FAIRCLOUGH, 2001) colaboram para que essa nova categoria de *atributo* seja identificada no processo de hipersemiotização da questão examinada.

2 TRAJETOS DA HIPERSEMIOTIZAÇÃO DE UMA QUESTÃO DO ENEM: INTERAÇÃO, RE/COMPOSIÇÃO, ESPALHAMENTO E EMBATE DE DISCURSOS NA WEB

Após as etapas de análise composicional e multimodal, englobando a identificação de práticas linguístico-midiáticas e discursivas, busco, adiante, apontar, de forma breve, alguns dos elementos relacionados aos re/direcionamentos ou trajetórias textuais *online* do processo de hipersemiotização de uma questão do Enem, abordando, já no domínio das práticas sociais, internautas (agentes sociais), seus papéis e visões de mundo a respeito de *gênero* e identidades sociais. Posto isso, chamo o leitor a considerar as figuras 5, 6 e 7 abaixo:



Figura 5: Uma das trajetórias relevantes de reconstrução discursivo-enunciativa da questão digitalizada do Enem, no Facebook.com. Fonte: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres?fref=ts>. Acesso em: 05 mar. 2016.



Figuras 6 e 7: Trajetórias alternativas de hipersemiotização e reconstrução discursivo-enunciativas observadas no Facebook.com e no Twitter.com. Fontes, respectivamente: <http://f.i.uol.com.br/fotografia/2015/10/25/561821-970x600-1.jpeg> ; <http://extra.globo.com/incoming/17875936-eca-9e4/w448/feliciano1.jpg>. Acessos em: 05 mar. 2016.

Na figura 5, vemos que a primeira das trajetórias de hipersemiotização da questão digitalizada do Enem surge via um *processo metonímico de reconstrução discursivo-enunciativa*. A partir dos dizeres “feminismo resiste”, em associação com os três corações, a pergunta é elevada a uma nova categoria de representação semiótico-discursiva. Assim, o agente social por trás do perfil “Empodere duas Mulheres” remove (metonimicamente, isola a questão-enunciado digitalizada) do discurso pedagógico-avaliativo do Enem, tornando-a um *fragmento*, mais precisamente um *instrumento simbólico*, promovendo um *redimensionamento enunciativo* desse fragmento, que, nesse novo contexto de postagem, materializa uma prática social de resistência a favor da igualdade de gêneros. Os itens C (26 mil curtidas) e D (9.611 compartilhamentos), indicados pelas setas, na figura 5, demonstram,

respectivamente, o nível de concordância com essa visão de mundo proposta pelo perfil em questão, bem como trajetórias textuais adjacentes que se originaram com base no processo de redimensionamento enunciativo analisado.

Já nas figuras 6 e 7, o leitor pode ver a questão digitalizada ser transportada para domínios digitais com agentes sociais que têm visões de mundo opostas àquelas verificadas na figura 5. Nesses referidos domínios, primeiramente, o Enem, como um todo, também é secundarizado (de forma mais ampla) no que tange à sua função pedagógico-avaliativa. Se, na figura 5, o processo de reconstrução discursivo-enunciativa sai do *todo* para a *parte*, nas figuras 6 e 7, esse processo se desenvolve da *parte* (questão digitalizada e hipersemiotizada) para o *todo* (Enem enquanto instrumento de “doutrinação” por parte do Ministério da Educação e do partido governista à época: PT). Ademais, o direcionamento de embate às visões de mundo presentes na figura 5 se faz perceptível por meio da trajetória *online* de hipersemiotização, quando, na visão desses agentes sociais, a questão digitalizada e o Enem (por ampliação) passam a ser vistos como uma forma de materialização ou *instrumento partidário para “doutrinação marxista”* – em tom pejorativo –, como também da *“ideologia de gênero”*. Respectivamente, nas figuras 6 e 7, os dizeres “O JOÃO NASCEU HOMEM e a MARIA NÃO NASCEU MULHER.” e “DOUTRINAÇÃO EXPLÍCITA PARA 7 MILHÕES DE ESTUDANTES” revelam, de acordo com uma perspectiva “socioconstrucionista” (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2004), embates que propõem (e ao mesmo tempo disseminam) uma visão não-operacional de identidade social de gênero, resultando na negação de seu entendimento, sócio-historicamente situado na Contemporaneidade, enquanto “prática performativa” (BUTLER, 2010) que emerge no domínio cambiante e paradigmático de repertórios e atividades que produzem sentidos na dinâmica social, fazendo-se perceptível nas relações/conexões do ‘durante/enquanto’, e não na fossilização oriunda do ‘enfim/depois’.

Pelo prisma crítico-discursivo (FAIRCLOUGH, 2001), examino, por meio de seus posicionamentos/subjetividades, que os agentes sociais (figuras 6 e 7) deixam de revelar a negação da igualdade de gênero enquanto prática social. Porém, dialeticamente, ainda apoiado na visão socioconstrucionista, analiso que os mesmos deixam vir à tona seu entendimento a respeito de *gênero* como definição binária, morfo-biológica e essencialista. Tal entendimento aponta, pela perspectiva da “alteridade” (BAKHTIN, 1997), uma cisão que, *de forma representacional*, coloca os referidos agentes sociais e seus seguidores no grupo de indivíduos que se conformam à visão de mundo que, por exemplo, combate, como prática social, a existência de identidades sociais como a de transgênero (i.e. travestis ou transexuais), quando, inegavelmente, estas, cada vez mais, vêm integrando sociedades orientadas por um olhar Contemporâneo. Os itens C (47.951 curtidas/ 62 atribuições de ‘favorito’) e D (23.343 compartilhamentos/ 50 *retweets*, repassando o *post* adiante), demonstram o grau de aceitação dessa visão de mundo proposta, respectivamente, nas figuras 6 e 7, bem como as trajetórias textuais adjacentes que se originaram com base no processo aqui analisado.

Por fim, pela leitura crítico-discursiva que faço da questão do Exame, ela pede que o candidato demonstre conhecer o Feminismo enquanto um movimento que teve necessidade de existir, em razão de condições sócio-históricas. No enunciado, não há demanda de adesão ou concordância para com o movimento. Quem se identifica com essas últimas propostas, portanto, é o agente social responsável pelo perfil “Empodere duas Mulheres”, e não o Ministério da Educação (Mec) – instituição que comanda a elaboração e a aplicação do Enem. Pelas trajetórias de hipersemiotização e espalhamento *online* do Enem, os *posts* e temáticas do Exame de 2015 revelaram processos de “midiatização” (BRAGA, 2007), mesclando elementos característicos de “eventos discursivos” (FAIRCLOUGH, 2001) e “eventos digitais” (SOUZA JÚNIOR, 2015a, 2015d). Ambos trazem “textos” (podendo ser de natureza multissemiótica) na sua constituição, os quais possibilitam atravessar as práticas sociais com

emergência de visões de mundo e mudanças, ou conformações, repercutindo os domínios político-social (figura 5) e político-partidário (figuras 6 e 7), e não estritamente o domínio pedagógico-avaliativo. Novas análises podem complementar essas breves considerações apresentadas aqui, a partir do estudo das demais interações que compõem as trajetórias textuais adjacentes mencionadas acima.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresentei uma breve análise do processo Contemporâneo de *hipersemiotização* de uma questão do Enem de 2015. Busquei oferecer uma sugestão analítica de trajetórias textuais *online* do Exame enquanto *evento discursivo* e *evento digital*, considerando os *agentes sociais* (internautas), as *relações, papéis e visões de mundo* surgidas de *práticas discursivas e sociais* relacionadas a *gênero*, enquanto um dos marcadores das diferenças sociais. A proposta e suas reflexões podem, também, se prestar a investigar outros eventos e demais marcadores (i.e. raça/sexualidade), gerando algum grau de inteligibilidade sobre estes. Focando, também, a mudança social, entendo que o presente trabalho poderia, minimamente, sugerir reflexões aos profissionais de educação, instigando ampliações dos contextos de ensino, ao lidar com temáticas/vozes marginalizadas (mas socialmente relevantes), as quais vêm sendo inseridas na proposta do Enem. Textos (*posts*), contemplando tais temáticas/vozes, contribuiriam para gerar boas atividades de familiarização com o estilo do Exame, bem como derivar embates/debates focando a des/igualdade na vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAGA, J. L. Midiatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FABRICIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. da. “Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas”. *Veredas (UFJF)*, UFJF, v. 6, n.2, 2004, p. 11-29.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
- KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2000.
- MOITA LOPES, L.P. da. “Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero”. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v.49, jul. /dez.,2010, p.393-417.
- SOUZA JÚNIOR, J. de. “#InBrazilianPortuguese, memes and phenomena: Linguistics and its suggestions to explore the propagation of digital events”. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 21, jul./dez., 2015d, p. 314-328.
- _____. “#Selfienaurna, memes, imagens e fenômenos: propagações digitais e uma proposta multimodal e semiótico-social de análise”. *Texto Livre*, v. 8, n.2, 2015c. p. 1-26.
- _____. “Eleições brasileiras de 2014, *selfies* e a criminalização de sua propagação via eventos digitais: um estudo crítico-discursivo”. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 9, n. 1, 2015b, p. 177-197.
- _____. *Memes pluralistas: explorando mídias sociais, propagações digitais, linguagem, marketing e ensino*. 1ª ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas (NEA), 2015a.